

LEITURA ORIENTADA NA SALA DE AULA

O DIA DO TERRAMOTO



COLEÇÃO: VIAGENS NO TEMPO

ATIVIDADES PROPOSTAS

- Leitura na sala de aula com 12 exemplares do livro em cada turma.
- Leitura dos sete primeiros capítulos em aulas sucessivas.
- Leitura do 10.º capítulo feita na aula pelo professor.
- Trabalhos de grupo: escolha de um de dois temas para trabalhar.
A – Entrevista ao Marquês de Pombal
B – Reportagem sobre o terramoto feita pelos sobreviventes
C – Dramatização de um texto sobre o terramoto

FICHA DE TRABALHO:

AUTOR(A): AMÉLIA SANTOS

Ficha de Leitura

1 –

Autores:

Editora:

Personagens Principais:

Personagens históricas (reais) que são referidas no texto:

Época em que decorre a ação:

Acontecimento central da história:

2- O acontecimento que achaste mais interessante:

3 - Apresenta razões da tua preferência.

4 - Indica três conhecimentos que adquiriste com a leitura deste livro.

Texto para Dramatização

João – Olá, eu sou o João. E esta é a minha irmã Ana.

Ana – Ambos viemos com o cientista Orlando na máquina de viajar no tempo.

João – O cientista Orlando pertence à AIVET – Associação Internacional de Viagens no Espaço e no Tempo e encarregaram-no da tarefa de regressar ao ano de 1755 para estudar os tsunamis.

Ana – Bem, o tsunami é uma onda gigante que resulta de um tremor de terra submarino.

João – Mas, para podermos viajar no tempo com ele, tivemos de prometer que cumpríamos o código de honra dos cientistas, segundo o qual não se pode alterar a História.

Ana – Hoje estamos aqui para relatar o que se passou naquela manhã do dia 1 de Novembro de 1775, na cidade de Lisboa, pouco depois das 9.30.

João – Durante 6 minutos intermináveis, Lisboa oscilou, rasgou-se como um castelo de cartas.

Ana – De repente levantou-se um vento furioso que avivou as primeiras chamas. O fogo alastrou então em vários pontos da cidade.

João – Uma multidão aterrorizada correu para as margens do rio Tejo. Espezinhavam-se uns aos outros na ânsia de se salvarem.

Ana – Mas não tardaram a recuar espavoridos. As águas erguiam-se em fúria.

João – Uma onda gigante crescia do fundo do oceano. Enorme, escura, enrolou-se no ar e abateu-se sobre a cidade. Era o tsunami.

Ana – Famílias inteiras fugiam a pé, a cavalo ou de carroça com os haveres que tinham conseguido salvar.

João – A família real estava a salvo, porque nesse dia encontravam-se na quinta de Belém para assistir à missa do Dia de Todos os Santos.

Ana – No meio da catástrofe e do desespero, destacou-se um ministro de D. José, Sebastião José de Carvalho e Mello – o Marquês de Pombal.

João – Parece que estou mesmo a vê-lo com a sua cabeleira branca a dar ordens, sem perder o controlo.

(Entra o Marquês de Pombal)

Marquês de Pombal – O que há a fazer é enterrar os mortos e tratar dos vivos. É preciso impedir que o fogo alastre, cavem trincheiras entre os edifícios que estão a arder. Levem os feridos para os conventos e igrejas que ficaram de pé. Patrulhem as ruas. Todos os que foram apanhados a roubar serão imediatamente enforcados. Prendam os que apanharem em flagrante. Não há misericórdia para gente desta laia.

(João sussurra ao ouvido da irmã)

João – Este homem não era para brincadeiras.

Ana (dirigindo-se ao público) – Imaginem como foi difícil cumprir a promessa e não avisar ninguém do que se ia passar!

João – Mas como diz o Orlando “Todos podemos fazer qualquer coisa por um mundo melhor. Mas cada um deve agir no seu próprio tempo. Deve agir no presente e pensar no futuro.